

SAIR DA LINHA

GET OUT OF THE LINE

Larissa Camnev¹
UNESP - Universidade Estadual Paulista
Associado/a/e ANPAP: Não

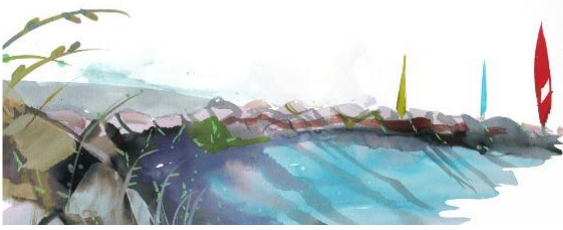
Resumo: O ensaio visual se dedica a ativar sapatos de salto alto que, ao serem calçados e utilizados através do ato de caminhar, gerem linhas e questões. O sapato é reformulado com intervenções que substitui o salto por bobinas de máquina e linhas. No ensaio, interessa olhar para a linha que se desenrola a partir da ação e como esta se instala no espaço. As ações acontecem em fotoperformances, direcionando o olhar para os meios de construção da imagem.

Palavras-chave: Linha. Sapatos. Fotoperformance. Caminhar.

Abstract: *The visual essay is dedicated to activating high-heeled shoes that, when put on and used through the act of walking, generate lines and questions. The shoe is reformulated with interventions that replace the heel with machine coils and threads. In the essay, it is interesting to look at the line that unfolds from the action and how it is installed in the space. The actions take place in photoperformances, directing the gaze towards the means of constructing the action-image.*

Keywords: *Line. Shoes. Photoperformance. Walking.*

¹ Artista visual e pesquisadora. Doutoranda em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP) com bolsa CAPES. Mestra em Linguagens, Mídia e Arte pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas com auxílio CAPES/PROSUC e Licenciada e Bacharela em Artes Visuais pela mesma universidade. E-mail: larissa.camnev@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9488-2010>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8457038279068469>. São Paulo, Brasil.



Conceder linha, alimentar caminhos

O ato de caminhar instaura a possibilidade de ir e vir, bem como desvela a liberdade de escolhas por caminhos. A sequência de imagens apresentadas no ensaio “Sair da Linha”, faz parte de uma série de trabalhos que compreende objetos, fotoações e instalação, nomeada como “A única mulher que andou na linha, o trem matou” (2023). Ao aproximar a frase de cunho popular, bem como machista, ativo a linha como meio para refletir e referenciar comportamentos socialmente adequados para as mulheres. A escolha dessa expressão provém do repertório de falas reproduzidas por minha bisavó, Purificação dos Anjos Martins (1911-2001), em retorno a questionamentos sobre suas atitudes. É relevante ressaltar o contexto em que Purificação ouvia essa expressão, os Anos Dourados intervalo entre 1945-1964, mas que ainda permanece na fala popular, fazendo da produção um ponto de encontro entre passado e presente. A historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2014) amplia os Anos Dourados, pelo viés das mulheres, pontuando:

Além disso, as distinções em termos de valorização social criam uma hierarquia entre as próprias mulheres: as “moças de família” (ou “boas moças”) estão acima das “levianas”; e as prostitutas ocupam o grau inferior nessa escala de respeitabilidade. Tachar uma moça de “leviana”, torná-la “mal falada”, acaba sendo uma forma de marginalizar o que é diferente, o que foge à regra. Pois a moral que estabelece o “comportamento correto” não pode ser contestada e o estigma – baseado em transgressões reais ou apenas em fofocas maldosas – acaba sendo algo socialmente necessário para a manutenção da ordem. (PINSKY, 2014, p.133)

É nesse contexto que se consolida o controle do comportamento social dos corpos femininos, bem como dos princípios morais associados à expressão popular “andar na linha”, entendida como sinônimo de “comportamento adequado”. Esse enunciado adquire força ainda maior quando confrontado com a frase: “A única mulher que andou na linha, o trem matou”, que revela uma invalidação da figura feminina, como se toda mulher escondesse algo, e a única que não o fez estivesse morta. Assim, o comportamento feminino aceitável é colocado como inalcançável, e a mulher que o cumpre torna-se ausente, silenciada, inexistente.

Ao “sair da linha”, é produzido um comportamento desviante (PINSKY, 2014). Tomando como referência a postura de desviante, elaboro respostas, utilizando sapatos de salto alto, porém com os saltos substituídos por bobinas de máquinas de costura e linhas de algodão. As fotoperformances apresentam sequencialmente, a ordem em que as ações decorrem: gradualmente desenrolando as linhas que preenchem as bobinas à medida que os passos avançam.

As linhas instaladas no espaço, fazem parte de um movimento de reconduzir os modos de caminhar, reposicionando o andar daquelas que calçam os sapatos com a possibilidade de nunca andar na linha e sim produzir suas próprias condutas, regras e normativas. As imagens expõem o andar para frente, deixando evidente as linhas originárias dos sapatos e a potência do caminhar como reconfigurador.



Imagem 1: Larissa Camnev, "Sair da linha" (série A única mulher que andou na linha, o trem matou) [1], ftoperformance, Campinas, 2023.



Imagem 2: Larissa Camnev, "Sair da linha" (série A única mulher que andou na linha, o trem matou) [2],
fotoperformance, Campinas, 2023.



Imagem 3: Larissa Camnev, "Sair da linha" (série A única mulher que andou na linha, o trem matou) [3],
fotoperformance, Campinas, 2023.



Imagem 4: Larissa Camnev, "Sair da linha" (série A única mulher que andou na linha, o trem matou) [4],
fotoperformance, Campinas, 2023.



Imagem 5: Larissa Camnev, "Sair da linha" (série A única mulher que andou na linha, o trem matou) [5], fotoperformance, Campinas, 2023.



Imagem 6: Larissa Camnev, "Sair da linha" (série A única mulher que andou na linha, o trem matou) [6], ftoperformance, Campinas, 2023.

Referências

BARTHES, Roland. Inéditos: Imagem e Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. O Sistema da Moda. São Paulo: Editora Martins Martins Fontes, 2009.

BRAGA, João. REFLEXÃO SOBRE MODA. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

BRAGA João Neto. História da Moda: uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezzi. Mulheres dos Anos Dourados. São Paulo: Contexto, 2014.